

Os herdeiros da terra:
As chamas na missa, romance de
Luiz Guilherme Santos Neves

The Land Heirs:
As chamas na missa, Novel by
Luiz Guilherme Santos Neves

Roberto Almada*

Um¹ texto de linguagem rebuscada e trama apocalíptica tem, desde 1986, chamado a atenção dos críticos e apreciadores da boa literatura por sua qualidade e técnica, ambas raras em se tratando de um autor apenas recentemente revelado. E o que torna indiscutível o mérito de Luiz Guilherme Santos Neves como romancista é, sem dúvida, o grau de extrema dificuldade por ele superado em *As chamas na missa*, ao conduzir até o fim, com segurança e naturalidade, uma ação desenvolvida em torno de planos e núcleos tão variados e que se entrecruzam em todo o decorrer da narrativa – o que conseguiu fazer simplesmente de forma competente e hábil. A exemplo de meia dúzia de outros

* Roberto Leite Ribeiro Almada (1935-1994), professor, escritor e crítico literário, autor de *O país d'El Rey & A casa imaginária* (poemas, 1986); *Dissertação sobre o nu* (poemas, 1990); *Elegia de Maiorca* (poemas, 1991); *O livro das coisas* (poemas, 1992) e *Faces de seda* (contos, 1993).

¹ ALMADA, Roberto. Os herdeiros da terra: *As chamas na missa*, romance de Luiz Guilherme Santos Neves. *A Gazeta*, Caderno 2, Vitória, p. 5, 16 jul. 1989.

contistas, poetas e romancistas de primeira linha, dele pode-se dizer que põe em cheque uma hipótese inquietante: a de que a literatura capixaba, como o cinema brasileiro, existe mais na teoria do que na prática.

Mas como observa o próprio Luiz Guilherme, “quem artes não tem, não tece nem fia”... – o que torna desnecessário afirmar que artes ele tem, e de sobra – do que nos dão notícia essas chamadas que na visão do negro Cândido Candim se desprendiam da igreja como uma evaporação incorpórea, e que eram o sinal da violência e do medo em torno dos quais se desenvolve todo o arcabouço do romance.

Ele não se passa em lugar nenhum e, ao mesmo tempo se passa em todo lugar – mais expressamente numa vila chamada do Santíssimo Sacramento, tão semelhante a Vitória do século XVIII com os seus casarões e escadarias, e onde, exatamente conforme acontece hoje em dia, os pecados de que se falavam eram os mais espessos e terríveis, por se tratarem de pecaíssimos pecados e culpas culpíssimas “cuja fealdade e perdição clamavam instância especial de julgamento”. Tal semelhança chega a ser caracterizada com minúcias: tinha “a vila uma parte alta e sobranceira, ateniense, de elevada nobreza, e outra baixa, possuindo ambas largas, ruas, travessas mas, principalmente ladeiras (...) pelas quais descem em roldão, no tempo das chuvas, roldanas d’água, abrindo sulcos no solo, tornando encharruadas e lamacentas, quase intransitáveis todas essas vias...”. Na opinião do autor, entretanto (em que sobejam a prudência e a sabedoria), “pouco importa o lugar senão o tempo e as pessoas que também são nada e fumo, e o que sobra é só memória e alma, nunca se sabendo qual delas se perde primeiro”.

De memória e almas trata o romance, por sinal. Aquelas, através dos registros sobre como funcionou no Brasil o Santo Ofício, cuja mistificação e cujo terror perpassam toda a trama até o desenlace final, eivado de crueldade e de tragédia. E estas pelo fluir e refluir de tantas vidas em sua perspectiva densamente humana, no interior das quais ronda o mistério do pecado, da fraqueza, o da

transgressão e o da culpa, que nos possui a todos em cada uma de nossas dimensões. Por isso o tema é atual, ainda que de outro tempo e de outro lugar – mesmo porque, no fundo, longe ou perto dos olhos de Deus – já adverte o cronista – é sempre da mesma forma que “se fazem os conhecimentos, nascem histórias, armam-se amores e desamores entre os homens”.

O romance contém, em sua mensagem, advertências e anátemas – contra a hipocrisia, a intolerância, o cinismo, a simonia – transformando-se finalmente num testemunho a favor da dignidade humana de que é parte cada ser, mesmo ultrajado.

Como ultrajados foram esses homens e mulheres que emergiram das trevas de nosso passado tão sombrio, do qual também é feito às vezes o presente: Maria Capa-Homem, a quem iludiu o demônio dos sentidos; o capitão-artilheiro Antônio Artaud, o do discernimento; Os Aranches, o da impostura; e Leonor, em cuja cabeça crescia o desvario, o da imbecilidade e o da loucura.

O autor não precisava atestar que são assim muitos dos habitantes de nosso lugar. Nem que, como esses, continuarão a ser os que depois deles virão. Apenas que eles herdarão esta terra, geração após geração. E, como ela, os seus inevitáveis demônios: o dos sentidos, o do discernimento, o da impostura, o da imbecilidade e o da loucura.

Comme il faut.

Livros

Os herdeiros da terra

As Chamas na Missa, romance de Luiz Guilherme Santos Neves, editora Philobiblion, 109 páginas

Roberto Almada

Um texto de linguagem rebuscada e trama apocalíptica tem, desde 1986, chamado a atenção dos críticos e apreciadores da boa literatura por sua qualidade e técnica, ambas raras em se tratando de um autor apenas recentemente revelado. E o que torna indiscutível o mérito de Luiz Guilherme Santos Neves como romancista é, sem dúvida, o grau de extrema dificuldade por ele superado em *As Chamas na Missa*, ao conduzir até o fim, com segurança e naturalidade, uma ação desenvolvida em torno de planos e núcleos tão variados e que se entrecruzam em todo o decorrer da narrativa — o que conseguiu fazer simplesmente de forma competente e hábil. A exemplo de meia dúzia de outros contistas, poetas e romancistas de primeira linha, dele pode-se dizer que põe em cheque uma hipótese inquietante: a de que a literatura capixaba, como o cinema brasileiro, existe mais na teoria do que na prática.

Mas como observa o próprio Luiz Guilherme, “quem artes não tem, não tece nem fia”... — o que torna desnecessário afirmar que artes ele tem, e de sobra — do que nos dão notícia essas chamas que na visão do negro Cândido Candim se desprendiam da igreja como uma evaporação incorpórea, e que eram o sinal da violência e do medo em torno dos quais se desenvolve todo o arcabouço do romance.

Ele não se passa em lugar nenhum e, ao mesmo tempo se passa em todo lugar — mais expressamente numa vila chamada do Santíssimo Sacramento, tão semelhan-



Luiz Guilherme: narrador hábil entre planos e núcleos que se entrecruzam

te a Vitória do século XVIII com os seus casarões e escadarias, e onde, exatamente conforme acontece hoje em dia, os pecados de que se falavam eram os mais espessos e terríveis, por se tratarem de peccadíssimos pecados e culpas culpíssimas “cuja fealdade e perdição clamavam instância especial de julgamento”. Tal semelhança chega a ser caracterizada com minúcias: tinha “a vila uma parte alta e sobranceira, ateniense, de elevada nobreza, e outra baixa, possuindo ambas largos, ruas, travessas mas, principalmente ladeiras (...) pelas quais descem em roldão, no tempo das chuvas, roldanas d’água, abrindo sulcos no solo, tornando encharruadas e lamacentas, quase

intransitáveis todas essas vias...” Na opinião do autor, entretanto (em que sobejam a prudência e a sabedoria), “pouco importa o lugar senão o tempo e as pessoas que também são nada e fumo, e o que sobra é só memória e alma, nunca se sabendo qual delas se perde primeiro”.

De memória e almas trata o romance, por sinal. Aquelas, através dos registros sobre como funcionou no Brasil o Santo Ofício, cuja mistificação e cujo terror perpassam toda a trama até o desenlace final, evado de crueldade e de tragédia. E estas pelo fluir e refluir de tantas vidas em sua perspectiva densamente humana, no interior das quais ronda o mistério do pe-



cado, o da fraqueza, o da transgressão e o da culpa, que nos possui a todos em cada uma de nossas dimensões. Por isso o tema é atual ainda que de outro tempo e de outro lugar — mesmo porque, fundo, longe ou perto dos olhos de Deus — já adverte o cronista — sempre da mesma forma que “fazem os conhecimentos, nasce histórias, armam-se amores e desamores entre os homens”.

O romance contém, em si mesma mensagem, advertências e anáforas — contra a hipocrisia, a intemperância, o cinismo, a simonia — transformando-se finalmente no testemunho a favor da dignidade humana de que é parte cada ser humano mesmo ultrajado.

Como ultrajados foram esses homens e mulheres que emergiram das trevas de nosso passado tão sombrio, do qual também é feita às vezes o presente: Maria Cap Homem, a quem iludiu o demônio dos sentidos; o capitão-artilheiro Antônio Artaud, o do discernimento; Os Aranches, o da impotência; e Leonor, em cuja cabeça crescia o desvario, o da imbecilidade e o da loucura.

O autor não precisava atestar que são assim muitos dos habitantes de nosso lugar. Nem que, com esses, continuarão a ser os que depois deles virão. Apenas que eles herdarão esta terra, geração após geração. E, como ela, os seus inevitáveis demônios: o do sentido e do discernimento, o da impostura, o da imbecilidade e o da loucura.

Comme il faut.

Fac-símile da resenha de Roberto Almada, publicada no jornal *A Gazeta* (Foto sem crédito).